



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Toda a correspondência deve ser dirigida a

Redacção e administração

PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Outeiro—Torres Novas

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Assignantes ordinarios (por anno) 300

Assignantes protectores » 500

Numero avulso 10 reis

EDITOR RESPONSAVEL

ANTONIO PACHECO

Typographia de José F. da Fonseca

Rua da Picaria, 74

O theatro d'“O Petardo,”

(Entrada geral, 10 reis por caveira)

—E' entrar, meus senhores, é entrar! E' aqui que se vêem as grandes notabilidades que honraram ultimamente com a sua presença o paiz dos Navarros, dos Mari Anos e demais tropa fandanga que nos torna notáveis ao oculo perspicaz do estrangeiro. E a dez reis, é a dez reis! Aqui se admiram os grandes homens e as mulheres grandes que enchem o mundo com as suas ultra-notáveis habilidades. Vae pr... incipiar, vae pr... incipias! Um ovo por dez reis! E' entrar, é entrar! O Frederico, toca o hymno da Cartal

O fungáá faz as delicias do respeitavel auditorio. Os musicos são os homens de mais larga embocadura que a sociedade tripeira tem admirado.

—E' gora, é gora! Vae subir o panno! Entrar, senhores, entrar! Dez reis! Dez reis por caveira!

O respeitavel publico enche a casa. O Petardo, depois de contar os dezreishinhos, esfrega as mãos de contente porque fez bom negocio, dá as tres pancadas do estylo para subir o panno e começa:

—Vae o respeitavel publico contemplar a vera effigie d'um dos mais illustres banqueiros, que nos ultimos tempos nos honrou com a sua respeitavel presença. E' o illustre conde de Toulouse Lautrec. Este benemerito rico-homem, que tem mais *massas* do que o Burnay, quiz espalhar as perululariamente pela Lisboa amada; mas a policia, não querendo que elle se arruinasse com tanta prodigalidade, obrigou o a apertar os cordões á bolsa, deu ordem aos banqueiros para que lhe não pagassem os cheques, e concedeu-lhe habitação gratuita n'um quarto de malta. E' o homem com mais aptidões para ministro da fazenda d'um paiz depennado que tem apparecido n'este primeiro quartel do seculo XX.

—Vae agora o respeitavel auditorio contemplar outro homem notavel, o estadista actualmente mais em evidencia no mundo. E' s. ex.º o principe russo Aleixo de Cutchet, doutor em medicina e em alta escola d'equitação. S. ex.º descobriu um elixir maravilhoso, que não só permite comer á barba longa, em qualquer hotel de primeira ordem,

sem pagar e ficando-lhe o proprietario muito obrigado pelo obsequio, mas torna os sellos usados credores das reverencias e salamaleques de todo o mundo endinheirado. E' um ministro dos estrangeiros arte nova, pois s. ex.º fala tres linguas: a russa, a franceza e a ingleza. O nosso amigo e patricio Consiglieri Pedroso, que sabe russo como burro, que o diga.

—Prepare-se o respeitabilissimo pu-Pinauds, que appareceram por cá. São italianos, mas ignora-se-lhes o chamadoiro. Estes tres distinctos cavalheiros vêem dar a volta ao mundo a pé, por gosto e por aposta—olha lá que fosse por economia!—e preparavam-se para fazer conferencias na Sociedade de Geographia quando se soube que tinham uma destreza admiravel de mãos. Deram com os calcanhares no fundo das costas antes que o careca e rabudo Poirier de la Coin lhes offerecesse hotel gratuito na hospedaria do Piolho, da Pulga, do Percevejo e mais ilhas adjacentes. Suas ex.ºs fugitivas davam tres commissarios regios de quatro assobios cada um.

—Ahi vae agora o respeitavel publico ver outra notabilidade. E' madame Humbert, senhora d'um coração tão alevantadamente generoso e de palavras tão assucaradamente atrahentes que conseguiu que meio mundo, captivado de suas prendas de lingua, a brindasse com alguns milhares de contos de reis, que ella metteu n'um rico cofre. Esteve em Lisboa a dar-nos obsequiosamente um ar da sua graça, vestida, por modestia, de creada, e deu ás de Villa Diogo na melhor occasião, sem dizer agua vae ás tropas, com receio de que o nosso governo lhe mandasse apresentar os seus cumprimentos de boas-vindas pelo illustre sr. Moraes de Carvalho, chefe da policia.

—Vae tambem agora o publico respeitavel admirar os nossos illustres contreraneos—o Navarrão e o Mari Ano...

—Oh! seu Petardo, você dá-nos realmente um ovo por um real!—brada o Zé povinho da galeria.

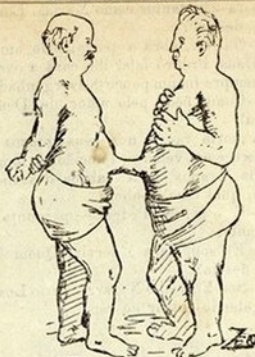
—Tem razão... mas enganai-me. A colleção está completa com madame Humbert, O Navarrão e o Mari Ano pertencem a outra colleção, que se ha de ver n'outro dia. E, quem quizer admiral-os, ha de largar outros dez reis.

Meus senhores, o espectáculo está terminado. Muito obrigadinhos pelos dez reis e... até d'aqui a 15 dias, em que serão exhibidas novas personalidades d'um canello, tão distinctas e illustres como as que acabam de ver.

Bon soir, messieurs et mesdames, bon soir!

N.ºs.

Irmãos siamezes



O Dia e as Novidades, Andam já ha muitos mezes, Tão unidos, tão ligados, Como os irmãos siamezes.

Em cada artigo que escrevem Vae tudo com o pé do gato: E ha quem diga que os dous São orgãos do syndicato.

Tal conceito injurioso Não faço nem nunca fiz; Porque emfim, isto ás vezes, Ainda é mais do que se diz.

Thomé Thomaz.

A Voz de Santo Antonio, que, por signal, é uma das melhores revistas que se publicam em Portugal, diz que os franc-maçoes da nação visinha esperam, ansiosos, o beijo fraternal de cincoenta irmãos em Satanaz, seu pae, que vem cumprimental-os em nome de cincoenta lojas francezas e belgas.

O beijo fraternal?! Mas onde o beijo, pae do... inferno? No sitio onde os franc-maçoes das retro-lojas o dão ao Baphomet?

Espera-se pela resposta... para mandar aos beijeiros um frasco d'agua de Colonia.

Grotescos!

As melenas dos litteratos

Os intellectuaes da ultima geração reconhecem-se pela fluctuante juba symbolica.

Felizmente! Já não corremos o perigo de confundir com as bestas esses astros radiantes: o distinctivo estrema-os assaz, tal qualmente o sangue azul

Outra impagavel vantagem das inspiradas grenhas é a pasmosa multiplicação dos genios: como ellas podem crescer em cada cabeça, como junça em marriel, dentro em pouco, este paiz *toujours gai*, terá o record do talento! clé!

Até esse cacarejado seculo XVI ficará muito quem d'este, dos *gufur nas* pyramidas, Gamas, Albuquerque, Almeida; Barros, Vieiras, Bernades, Camões, parecerão chatissimos bonegos se comparados aos *gadelhudos* tamahões que assombram a nossa idade.

Não?!!

Mas então os senhores estão positivamente cegos e surdos! Pois não vêm como é setineo o papel imperial das obras em que... crucificam a lingua do Camillo? e como saem irizados os chromos ricos d'aquellas capas raphaescas? e como se adivinha o talento divino naquelles retratos em *pose*? E não ouvem, era e logo, o reuintim truanesco dos dithyrambos que os projectam aos cornos da lua?

Emfim: creiam V. Ex.ºs na minha palavra honrada: as cabelleiras pomposas e grandes mostram que lá dentro *phosphoreja* o genio.

Mausinho.

A um poeta...

E' ser louco e bem louco Chamar á sua amante Estrella, flor, diamante... Afinal, isso é pouco.

A flor cae desfolhada E perde-se no chislo. E o mais... tudo é carvão. Não vale quasi nada.

Das graças da mulher As que mais valor têm E que mais se requer

São estas: boa filha E boa esposa e mãe Que é isto o que mais brilha.

Tristão Yaz.



### Historia contemporanea

#### Carta de Zé Luci Ano a Hint-Ze

*Caro collega e amigo.*—Deus é comosco! Parabens, um cesto de parabens! O Karrilho é homem d'uma canna! O convenio já está assignado em Paris, graças a elle. Você pôde gloriar-se de que metteu uma lança em Africa. Mas, —se me dá licença—tambem eu posso biscotear-me com parte d'esse triumpho, porque, se não fora eu deixar passar o convenio na camara alta, você era um presidente de ministros encravado.

Entendemo-nos, Deus louvado, e hoje podemos, nós os dois, exultar de contentamento, embora o paiz, que é um ignorante, gema como se lhe tiveramos pizado um dos seus melhores callos.

Agora, —o dito, dito, não? Você já está muito cansado. Pobre collega! Dois annos de permanente sacrificio para beneficiar o paiz, e o paiz—ingrato!—a fazer-lhe figas por traz das costas! Basta, basta, amigo! A sua saude exige cuidados rigorosos. Eu comprehendo que se seja patriota, mas ha sacrificios que a patria não pôde exigir. Saia, amigo, do poder, vá descansar, que eu, como lhe disse, embora com grande sacrificio, estou resolvido a substituí-lo. Demais, era isso que estava combinado entre nós, não é verdade? Approvado o convenio, você descia e eu subia. Cá estou á espera da resposta.

Conte sempre com a velha amizade do

Seu,

Zé Luci Ano.

#### Carta de Hint-Ze a Zé Luci Ano

*Querido amigo e collega.*—Aceitei os parabens. Ah! amigo, que de trabalhos e canceiras para obter esta grande victoria! E ha ingratos—ingratos e maus—que põem em duvida o meu patriotismo e o desinteresse com que servi a patria n'este transe tão doloroso! Deus os castigará; porque atraz de mim...

O Karrilho é o homem-providencial. Você já o aproveitou no seu tempo para o orçamento; mas a ideia genial de lhe entregar nas mãos o negocio do convenio foi minha. N'outra terra, esta só descoberta valer-me-ia a immortalidade. Aqui, porém, somos pequenos em tudo, até em fazer justiça aos grandes homens!

Mas adiante, que atraz vem gente!... E' inquestionavel que você me prestou bons serviços, mas o mesmo não posso dizer de todos os seus. Olhe aquella maldito do Ressano, que me amolou a paciencia com um discurso de tres horas e meia!

Mas aguas passadas não movem moihnos.

Você fala-me na «combinação» e no «dito, dito.»

Palavra d'honra que, se o percebo, cebo!

Você é incapaz de dizer uma coisa por outra; mas eu,—sabe-o você muito bem, e o Bramão—bom rapaz, creia!—já o tem dito centos de vezes na Tarde—tenho uma palavra d'ouiro: quando digo, digo. Ah! tem você, para exemplo, a batotinha: disse que não mais se jogaria em Portugal e você está vendo como faço cumprir em toda a parte a minha palavra.

Se bem percebo, você está persuadido que eu lhe disse que, apenas assignado o convenio, lhe entregaria o governo da casa e me recolheria á privada. Não lhe disse nem podia dizer isso, ou, se lh'o disse, estava mouco, pois você sabe muito bem que, ha uns tempos para cá, trago inflammada a corneta d'Eustachio.

E sabe por que lh'o não disse? Porque não basta que você não duvide do meu patriotismo: quero obrigar o paiz a tambem não ter duvidas a esse respeito. Apenas nasci, o meu primeiro vagido, traduzido agora pelo Leão Am-

salak, que é o representante dos judeus em Portugal, queria dizer: prometto servir a patria contra a propria vontade d'ella.

Fiel a esta solemne promessa, cá me deixo estar a chuchar esta malagueta do poder até quando El-Rei nosso Senhor fôr servido.

Estou cansado, é certo, e o sacrificio que faço, só eu e Deus o sabemos. Mas você tambem está cansado e doente, a sua bexiga não é bexiga, é uma cesta rota, e eu, como bom christão que sou, não quero o seu sacrificio á custa do meu alivio.

Fico-me, pois, no poder, smigo, não só por puro patriotismo, mas para o servir a você, que, pela sua avançada idade e soffrimentos physicos, não deve arrastar tão cedo a pesada cruz do poder. Se é necessario que haja um martyr do patriotismo, esse martyr aerei eu, e não você. Não o quero roubar tão cedo á patria e á familia.

Não me agradeça: os amigos são para as occasoes. Veja agora quanto tem em mim, e diga-me se esta dedicacão e amizade se pôde comparar com a do Alfoim, que não é capaz de sacrificar sequer um pedaço das sebacas barrigas das pernas para o livrar d'apertos da bexiga.

Amigo até á morte,  
Hint-Ze.

Pela copia,

Gryce.

#### A's portas do Paraizo

(D'aquí a alguns annos)

- Truz, truz.
- Quem é?
- Faça favor d'abrir.
- Ora essa! Aqui não se abre a porta ao primeiro flamengo que apparece. Diga quem é.
- Sou o Emygdio.

emora não tantos como Marias. Emygdio de quê?

—Oh! sr., abra a porta, pelo amor de Deus. Prefiro falar-lhe cara a cara. Eusempre fui um pouco desvergonhado.

—Como pede pelo amor de Deus, vá lá!

A porta range nos seus gonzos e apparece um veneravel ancão, de longa barba branca e a cabeça descabelada, qual uma abobora.

—E' o sr. S. Pedro?—pergunta o viajante.

—Eu sou, para o servir. Quem é e que deseja?

—Sou Emygdio Navarrão, o do Luso, e pretendo entrar no ceu.



—Olá! olá! Tenho ouvido falar de você! As novidades da terra tambem cá chegam, apesar de não funcionarem muito bem as linhas telegraphicas que communicam o nosso com o seu planeta. E olhe que o seu cadastro não é lá para que digamos, segundo certos zans-zuns que tenho ouvido!

—Se o sr. S. Pedro soubesse a intrighada que vai lá por baixo, des-

contava 80 por cento nas malevoas referencias, que me tem feito. Que quer v. s., sr. S. Pedro? Eu não caí em graça aos lusos, e aquellas almas de cantharo malharam-me sempre como em canteiro verde, apesar d'alguns d'elles terem bastante medo do meu estadulho.

—Os lusos são más rezes, concordio, mormente depois que os da rotaçãõ fizeram o santo accordo, mas tambem por lá os ha pombinhas sem fel. Vamos, porém, cá ao—pão, pão, queijo, queijo. Você disse-me que quer entrar no ceu. Traz passaporte limpo?

—Passaporte limpo!

—Sim, homem! No ceu não se entra como para a camara dos deputados lá da sua terra,—por meio do carneiro com batatas ou da chapelada. Não lhe falo na camara dos pares, porque você nunca conseguiu lá pôr o fundilho das calças, apesar de se penteaf para isso. O Não-se-diz conheceu-o a tempo. Traz na mala algumas boas obras?

—Trago, sim, sr. Oiça: Peguei algumas vezes ás varas do pallio nas proçissões realisadas na capella da Congregaçãõ de Santa Dorothea; assisti ás Congregações Mariannas no Quelhas, por signal que, para que os rapazes soubessem quem eu era, deixava cair do bolso bilhetes de visita com o meu nome; confessei-me e communguei varias vezes na capella dos filhos de Santo Ignacio, numa postura capaz d'encantar os seraphins... da terra; sou o homem da Cruz e Espada...

—Alto lá! Você está a mentir como um perro gallego! O homem da Cruz e Espada é o miguealista Bernardino de Senna Freitas, aquelle granadeiro de bigode e pera brancas, de Braga, ex-official do exercito de D. Carlos de Hespanha.

—Pego perdão, mas o sr. S. Pedro não me deixou explicar. Sou o homem da Cruz e Espada porque assim intui-te um discurso, que fiz a favor do

Marqueza de Monfalim, que Deus haja.

—Conheço muito bem a sr. marqueza. Já cá está em casa; e Nosso Senhor confirmou-lhe no ceu o titulo nobiliarchico que na terra tinha, dando-lhe um dos nossos melhores palacios, em recompensa dos relevantes serviços que á Egreja prestou na terra.

—Pois é para que o sr. S. Pedro saiba que eu não engano ninguém.

—Acredito... E não tem mais nada que allegar para lhe ser facultada a entrada no ceu?

—Tenho, sim, sr.: desejei ser embaixador junto do Papa, mas não o conseguí.

—Isso, meu caro, não vale uma de X para entrar no ceu. Você quiz ser embaixador mas apenas para papar os cobres que o cargo rendia.

—Ora não seja má lingua!

—Olhe que você com as suas tretas não me illude! Estou habituado a tratar com macacos de rabo pelado como você.

—Bem, bem, deixemos isso, visto que não vale nada. Tenho outro serviço ainda: quiz ser fiscal-mór do governo junto das Congregações religiosas, depois do celebre decreto de 18 d'abril, mas o Hint-Ze, que m'o havia promettido, roeu-me a corda.

—Você está doido? Pois isso é lá coisa que se allegue para entrar no ceu? Você queria o logar para morder nos calcanhares dos jesuitas e dos franciscanos e para papar o ordenado, e isso não empurra ninguém para o ceu; ao contrario.

—Eu pensava...

—A pensar tem morrido muito burro! Mas venha cá: você não foi o alma damnada de Hint-Ze e reliquia na questãõ das Congregações religiosas?

—Eu fui o espirito-santo d'elle, mas para bom fim. O sr. S. Pedro sabe que eu só pedi secularisaçãõ e mais secularisaçãõ das Congregações religiosas.

—Esse pouco, seu maroto! E você não sabe que assim faltava a justiça contra irmãos seus, atacava a liberdade individual e se revoltava contra os ensinamentos da Egreja, que considera as Congregações religiosas como parte integrante da mesma Egreja?

—Eu sabia, sim, sr., mas como seu catholico de meias tintas, accoitando da Egreja apenas aquillo que me convenem e repellindo o que não me convenem, entendi...

—Que podia revoltar-se contra ella, —não é assim? — e que, quando esticasse o pernil, bastaria vir bater-me á porta para eu lhe dar entrada no ceu? Você é tolo, homem! A entrada no ceu já você a tinha arriçada com certas partidas que fez lá pela sua patria e por esse Paris; mas depois que você alumniou os franciscanos e os jesuitas conscientemente, porque os conhecia bem e sabia que elles não eram o que d'elles dizia, o ceu foi-lhe fechado a sete chaves. Marche para o inferno!

—Para o inferno, sr. S. Pedro! Ao menos, por piedade, para o Purgatorio!

—Para o inferno, para o inferno é que você vai! Olhe que estão lá outros com menos razões do que você!

—Piedade, illustre chaveiro, piedade para um desgraçado!

—Já passou o tempo da piedade; agora entrou-se no imperio da justiça.

—Raspe-se para o inferno, com seiscientos diabos que comsigo carreguem!

O Emygdio lançou-se de joshos aos pés de S. Pedro, lavado em lagrimas e impetrando misericordia.

O santo, em tom imperativo, apontando para as profundas do Averno:

—Segue o teu destino, misero! Saiba agora soffrer quem viver bem não soube!

E fechou-lhe a porta na cara.

Ouviu-se então rebombar um medonho trovão. Era Beizebuth, que ti-



na subido do inferno até ás portas do ceu numa nuvem cor-de fogo e se piz a fazer festas na cabeça, no sitio da cova do ladrão, ao seu novo hospede.

Gryce.

#### N'uma conferencia socialista

Tão serio como um jument... Que é o mais serio animal, a falar na conferencia. Começo assim Pascoal:

—Lectadores do livro pensamento Leonidas, o heroe (ocediabo... —Lacedemonio—entenduo-lhe da assistencia Uma voz. Responde elle com vehemencia: «O demônio é o mesmo que o diabo. Eu ca não tenho cauda, tenho rabo.»

A Voz de Santo Antonio diz que é necessario que os catholicos olhem muito a serio para o movimento magonico, que vai em toda a Europa.

Não se esfalle o presado collega, porque os catholicos portuguezes não precisam de quem os incite.

Para trabalhos de queixos, á mesa do jantar, não ha quem lhes leve as lampas!



Reclamação justa



O nobre ministro da guerra, o pera Pimentel Pinto, tem-se visto atrapalhado nos ultimos dias com commissões que o procuram.

Hontem, ao bater do meio dia no relógio da Rua Augusta, apresentou-se á porta do gabinete de s. ex.<sup>a</sup> uma commissão de bombos, pratos, cornetes, saxofones e mais coisas correlativas da divina arte de fazer um homem doido com funguças.

O porteiro foi annunciador.  
— Que querem esses maçadores?  
— Saberá v. ex.<sup>a</sup> que *ainda não sabe*.  
— Dize-lhes que entrem.

Entraram cada um por sua vez, fazendo uma mesura deante da mavortica figura de s. ex.<sup>a</sup>.

— Digam a sua justica, ordenou o ministro cofiando luxuriosamente a pintada pera.

— Senhor! — disse o bombo, que era o *leader* (*leader* não é apenas o João Arroyo, por alcunha — o *Irrecoquavel*) dos seus collegas — coiso, desde que v. ex.<sup>a</sup> é ministro, nós andamos numa roda viva, sem termos dez reis da descanço para dar fulga a este desgraçado corpo, pois que v. ex.<sup>a</sup>, como um bom *Festas* que é, por todá a parte nos apparece a visitar quartéis, vimos pedir-lhe augmento d'ordenado e a reforma aos 5 annos de serviço, porque, sendo v. ex.<sup>a</sup> ministro ha dois annos, estamos todos arruinados com queixa de peito.

O ministro, pondo a cabeçinha ao lado com uma encantadora elegancia: — Ponderarei, excogitarei, consultarei os regulamentos, perguntarei ao meu visavô Napoleão, por meio d'um *mediun*, qual a sua opinião, e se d'esta mutação sair coisa digna de ponderação, ser-vos ha augmentada a razão, bem como vos será dada a reforma, como pedis, para minha gratificação e para o melhor ferro ao Telles Sebastião. Ide-vos e contaes com a minha protecção. E estendeu-lhes benignamente a mão.

O bombo, com uma lagrima ao canto d'um olho: — Que Deus o fada bem, senhor, e lhe metta tantas *Festas* nesse rico corpo, como de cabellos pintados tem a bella pera que adorna o queixo encantador de v. ex.<sup>a</sup>!

O *Festas*, sorrindo-se amarellamente, continuou a estender-lhes a mão, mas d'esta vez fechada. *Gryce.*

Cavaqueira

(to telephone)

Correram boatos alarmantes sobre a saude do illustre *Casaca de Ferro*, que, por obra e graça da bacoquice ingenta do nosso povo, é o regulo d'esta occidental prais lusitana.

Outrosim corria como uma leve que s. ex. iria para o estrangeiro curtir a doenca e procurar allivio.

Como não queremos que o *Petardo* ande atrazado em informações, em vez de nos mettermos n'uma tipoiá e nos fazermos ao largo — trac, trac! — para Algeis, fomos ao telephone (com sua licença, sr. Caturra Junior) e: — Tlin, tlin, tlin, tlin, tlin. Está lá? — Estou. Que quer? — Comunicação para casa do *Casaca de Ferro*.

Esperamos. D'ahi a pouco: — Tlin, tlin, tlin, tlin! Quem fala? — *Gryce*, reporter d'O *Petardo*. E de lá?



— *Casaca de Ferro*.

careca que use chinó... Mas, como ia dizendo, póde ir com o Canha...

— Posso mas não quero.  
— Diga antes que quer mas não póde.  
— Quem me impede? O cavalheiro não sabe que eu sou o regulo d'estes reinos, que em mim ninguém manda e que eu é que mando nos outros?  
— Petas da vida, conselheiro! En v. ex.<sup>a</sup> mandam o *Festas*, o *Naptuno d'Aljib*, o *Lyrio*...  
— N'esses mando eu: são meus subordinados.

— O conselheiro não manda nada; e a prova é que elles andam ás terras para saber quem ha de ser o herdeiro da sua pasta e v. ex.<sup>a</sup> não tem forças para os metter na ordem.

— E' que... O cavalheiro não percebe o que é a politica; se percebesse...  
— Se percebesse saberia que v. ex.<sup>a</sup>, que passa por ser o director d'aquella companhia, é apenas o arre-burrihido de todos elles. Para saber isto não vale a pena queimar as pestanas a estudar os segredos d'essa porca desvergonhada.

— Pois será o que o cavalheiro quizer; mas se tiver o atrevimento de dizer n'O *Petardo* que eu não vou para o estrangeiro para não desconjunctar a nau governamental, não o nomeio commissario regio na proxima assignatura real.

— Já aqui não está quem falou, conselheiro. Póde v. ex.<sup>a</sup> ter a certeza de que esta bocca será um sepulchro. Mas o logarito de commissario regio posso contar com elle, não é assim?

— Póde, mas só depois do *Navarrão* ser nomeado fiscal junto das Congregações religiosas.

— Obrigadinho, conselheiro. V. ex.<sup>a</sup> não é o *Casaca de Ferro*; é o Paé de todos os depennados que os raios solares acobertam! *Gryce.*

Cartas do norte

Meu caro *Petardo*.

Julho de 1902.

Cá recebi a tua visita. Vinhas guapo, ancho e bem humorado. Entre um grupo de rapazes cheios de vida e de boa vontade, que, como bem formada guarda d'honra, te guardam o lombo e defendem as gambias, podes entrar com afoiteza em toda a parte, que serás bem recebido.

Aqui te envio um *pipito de ovos molles* (2) não dos de Aveiro, que cheiram a sal, mas d'aqui do Minho, que tremandam a verdades; firmes como rochas e amantes da boa imprensa como todos os nacionalistas leaes de antes quebrar que torcer.

— Os amaveis leitores de *O Petardo* conhecem bem um jornal aqui do norte, que, por occasião da inglória campanha contra as congregações religiosas, foi um verdadeiro e formidavel — mata frades — de papel e zinco. Pois esse mesmo jornal, abrindo uma nova secção — *Calendario historico* — não tem encontrado entre os vultos mais preminentes da nossa gloriosa historia patria senão frades distinctissimos e navegadores arrojados. E' bem certo: — *mais depressa se pilha um mentiroso, do que um coco*. Eu felicito esse collega pela heroica resolução de se desmentir a si mesmo.

— A's horas a que lhes escrevo, correm enormes ranchadas de milhares de romeiros para visitarem o corpo incoeruto de S. Torquato, suburbios de Guimarães, incontestavelmente a melhor romaria do Minho.

*Renato.*

(2) Novos assignantes.



— O cavalheiro quer ter a bondade de dizer-me onde poderei arranjar um jantar por dous tostões? Sou forasteiro, não sei nada do Porto...  
— Acolá, na esquina, no Suisso.  
— Já que é tão amavel, não poderá dizer-me tambem onde poderei arranjar os dous tostões?

A fidalguinha fatua

— Vem, filha minha, põe-te a costurar, que vamos sendo cada vez mais pobres.  
— O' minha mãe, nós somos muito nobres, e parece baixaza o trabalhar.  
— Não confundas trabalho com baixaza... As lagrimas bebendo, a mãe tornou. Mas a filha á janella se arrimou *Leviana* sorrindo... Que nobreza!  
*Ego.*



— Porque não fizeste a continencia ao sargento Rocha?  
— Nós somos amigos, meu capitão!  
— Imbecill! Ainda que fosse teu pae, tinhas obrigação de o respeitar. Assim o manda o regulamento!

Problema

De sabios um alto gremio Propoz avultado premio A quem, por sua sabença, Mostrar, em boa razão, Que vae grande differença Do jogador a ladrão. *Ego.*



## Musica moderna



O modo por que os cantores nas nossas igrejas despedaçam os cânticos sagrados, é bem conhecido. Informam-nos que não ha muito, cantou-se n'uma igreja, a quatro vozes, um hymno d'este modo:

Soprano—«Eu quero sal...»

Tenor—«Eu quero sal...»

Contralto—«Eu quero sal...»

Basso—«Eu quero sal...»

Tutti —«Eu quero salvar a minha alma.»

## Correio de casa

**Pan-Cudo**—O' filho,—assim, de pança tão cheia, não nos venhas vêr. Come menos, porque te pôde subir a comida á cabeça. Enquanto estiveres tão pesado do ventre, deixa o barbeiro da tua aldeia em paz, que não deve ser tão mau como o pintas. Dá-lhe um vintem para te fazer a barba, e verás como o seu «semblante tectrico» se metamorphoseia em rosto risinho como umas paschoas.

**Roze**—Sahirá. Vossa mercê entrou com o pé direito. Alma até Almeida! Como pechote não se estroem mal. A gloria espera-o, se se não esquecer que a fortuna bafeja quasi sempre os auzades... quando não são cretinis, como o amigo não é.

**Rabeca**—Puxa pelas cravelhas, moço, porque o instrumento está um pouco desfinado...

Nós acreditamos,—palavra d'honra que acreditamos!—que

Os seus olhos castanhos  
São como dois caros soes;

mas o que também não pomos em duvida é

Que os teus versos, ó Rabeca,  
Não valem dois caracos.

Ergo, lixo. E carinha alegre, esparanço moço!

**Pirlotto**—Bem te conhecemos: tu és o

Pirlotto que bate, bate,  
Pirlotto que já bateu...

D'esta vez, porém, batestes em falso,

escorregaste, cahiste e ficaste com... a careca á mostra, porque foste apanhado em flagrante delicto de plagio. Olha que se o *Pedro Salgadinho* te vê, manda-te prender por larapio!

**Carolus**—*Non potest ess.* *Primò*—porque não está na indole da nossa gazeta. *Secundò*—porque quem riscou os macacos com que a prosa é adornada são o *Zero* e o *Duble zero* e não o amigo *Carolus*. Cada um a amañhar a seara que Deus lhe destinou.

**Lulu**—Pois querido Lulu, bem vindo sejas a esta casa, filho. Estás moço (o nome o diz) e podes ir longe... se o engenho e arte te ajudarem. Manda mais, curto e limadinho, porque a gazeta é pequena e é necessario que todos os visitantes encontrem uma *caixa* disponível para se sentarem á sombra d'esta beinfazeja arvore.

**Colarau**—Aperte lá esses ossos! Misture e... mande, que na sua pharmacía manipulam-se bons medicamentos.

Ao *Seculo* e ao *Imparcial* fazemos, com o devido respeito, a seguinte pergunta:

Quando é que vossas senhorias começaram a ter vergonha n'essa desvergonhada cara?

## Charada

Por ver que na eleição havia fraude,  
Deixei ficar o escrutinio em meio.—2  
Salto agora contente; quem applaude?—2  
Não é remorso devorando o seio,  
Mas bole sempre n'alma algum receio. G.

pois, quando uns agentes policiaes o procuravam para o repatriarem.

Nas paredes algumas oleographias baratas; e entre o retrato de Karl Marx e de José Fontana o do tenente Penetra, desenhado a crayon, com o habito da Torre e Espada e a medalha das campanhas liberaes, algarrismo n.º 3. Adornam o resto das paredes diversos cartões pintados a claro-escuro com os lemmas patrióticos:

*Viva o 1.º de Maio!*

Operarios, uni-vos!

Não mais obrigações sem direitos.

A união faz a força.

Abaixo a reacção!...

Viva o sufragio universal!

Sobre as mezas alguns numeros do *Mundo*, da *Vanguarda*, do *Norte* e do *Pimpão*.

Ora se pelo dedo se conhece o gigante e pelos domingos se tiram os dias santos, já por aqui v. ex.ª ficará sabendo que D. Bernarda é uma senhora sem preconceitos *jasuticos* e

## Charada decapitada

Sempre de paz amigo,  
Eu mostro reverencia;  
Busco com diligencia  
E dando voltas ligo.

Ego.

## Agradecimento

São deveras penhorantes as referencias que nos fizeram os nossos estimaveis collegas *A Palavra*, *A Cruz de Vianna*, *O Rebate*, *O Athleta Christão*. Não lhes merecemos tanta honra. Agradecemos.

## Telegrammas

Com a nota de urgente recebemos esta manhã da capital o seguinte telegramma:

«Lisbõa, 14 julho, 8 h. m. Ministros reino, fazenda e guerra, José Luci Ano atacados de lepra!»

O nosso correspondente não nos deu novidade nenhuma, já o sabemos.

Temos lepra em Portugal! Sendo esta uma doença tão perigosa, lamentamos que o paiz não tome providencias. Urge levantar nas Berlengas uma leproseria, e isolar estes homens. A saude publica assim o pede.

Olá.

O' gentes lusas, já meditastes n'estas palavras ciceronicas, pronunciadas pelo nosso Neptuno da marinha, ao dizer adeus aos soldados expedicionarios, que foram para a Africa curtir os seus peccados: «O nosso patriotismo saberá transformar as palhotas em palacios?»

O Soisa, que é tartamudo, engasgou-se. O que elle quer que o nosso patriotismo transforme em palacios não são as palhotas, são as palhetas, bates ou botas dos soldados, os quaes palacios estão destinados a ser habitados pelo *crute*, produzido pelos calores africanos.

Quiz dizer tá-tá, mas não lhe chegou a lingua.

Mande botar na dita uma tomba, seu Neptuno das aguas, para não continuar a dizer asneiras em momentos de tanta ponderação para o brio nacional.

## Os gatos escrupulosos

## Fabula de Samanego

Que desculdo! Que desgosto!

A gata e mais o bichano

Beram cabe, por engano,

D'um capão no espeto posto;

Depois de lambido o rosto,

Trataram em conferencia

Se andariam com prudencia

Comendo o espeto por fim...

«E comeram-no?» Isso sim!

Era caso de consciencia.

liberal até á medulla dos ossos. E d'isto dá ella sobejas provas abstenendo-se de ir á missa, de frequentar as igrejas, para concorrer com desvelada sollicitude aos congressos e comicios das associações livres, aos cortejos civis e ás excursões socialistas.

Nas longas noites invernosas, em que o vento se introduz importunamente pelas frinchas das portas mal seguras fazendo ouvir os seus lamentos sibilinos e a chuva açouta e flagella impiedosamente as vidraças e os telhados, D. Bernarda assenta-se ao piano e descanta com Seraphina o hymno do 1.º de maio e o dos

*Heroes do mar, nobre povo...*

Não sei se o repertorio musical da minha vizinha é mais variado, ou se é o piano que não se presta a outro genero de harmonias; eu é que não ouço cantar outra coisa. Apenas de vez em quando D. Bernarda toca harpa e Seraphina dança, fazendo assim um concerto admiravel e unico...

## A' ultima hora

Noticia sensacional  
Envenenadores

Esta manhã, quando *O Petardo* entrava na machina, o nosso reporter dava-nos a sensacional noticia de que temos em Portugal uma classe de homens que se empregam em envenenar o povo. Procedemos immediatamente a escrupulosas averiguações, como o caso reclamava, e soubemos que era verdadeira a noticia.

Infelizmente um grande numero de jornalistas—lamentamos ter de o dizer, porque são nossos collegas—commettem um crime, passam a vida a propinar veneno no meio do nosso povo. Não pedimos providencias ao governo, que fraco, anemico, não as pode dar; mas a todos os homens que têm horror ao crime, sentimentos de humanidade, consciencia do dever.

E' facil punir estes envenenadores.

*O Sagittario.*

## Aos nossos assignantes

Chamamos-lhes a attenção para o seguinte:

Toda a correspondencia relativa á administração e redacção deve ser dirigida ao *Padre Benevenuto de Sousa, Torres-Novas—Outeiro.*

Não admittimos assignaturas senão por um anno.

A'quellas pessoas a quem enviarmos *O Petardo* e o não queiram assignar pedimos nol-o devolviam.

Pedimos que nos desculpem as irregularidades que no serviço da expedição alguma vez se possam dar.

## Nossos correspondentes

São nossos correspondentes os seguintes cavalheiros:

**Covilhã**.—P.º José da Costa e Oliveira Pinto.

**Braga**.—P.º João de Barros, Collegio da Regeneração.

**Povoas de Varzim**.—P.º Philippe Montenegro.

**Illa de S. Jorge**.—P.º Manoel José Alves.

**Porto**.—Antonio Pacheco.

**Portalegre**.—P.º Francisco de Andrade Sequeiras.

**Seminar do Carvalho**.—David Fernandes Coelho.

**Evora**.—P.º João da Costa Lobato

**Seminar de Lamego**.—Antonio Taveira da Costa.

**Macedo de Cavalleiros**.—Abade Manoel Bernardo Pires.



Depois faz-se a leitura dos jornaes recentes que D. Bernarda acompanha de considerações philosophicas e que a Seraphina ouve com recolhida attenção, mostrando-se sempre de accordo.

Thomé Thomaç.

(Continúa)

## 2 Folhetim d'O PETARDO

## QUEM SEMEA VENTOS...

Luxos ou cousas desnecessarias é que lá não ha. A meza é de uma frugalidade fradesca, apesar de D. Bernarda embirrar de frades e de freiras. Vestidos são sempre os mesmos; e a mobilia da casa também não é grande cousa. Uma commoda com poucos commodos, duas mezas cobertas com pannos de *crochet*, algumas cadeiras muito limpas de pó e de verniz, um piano com falta d'algumas teclas e a um canto da sala uma harpa com poucos bordões. Este ultimo instrumento pertencera a um emigrado italiano que ella acolheu por dever civico e communhão de ideias e que elle lhe deixou empenhado por cinco mil reis, desaparecendo de-